

## Língua brasileira

“Outro dia eu vinha pela rua e encontrei um mandinho, um guri desses que andam sem carapim, de bragueta aberta, soltando pandorga. Eu vinha de bici, descendo a lomba pra ir na lancheria comprar uma bergamotas...”

Se você não é gaúcho, provavelmente não entendeu nada do que eu estava contando. No Rio Grande do Sul a gente chama tangerina de *bergamota* e carne moída de *guisado*. *Bidê*, que a maioria usa no banheiro, é nome que nós demos para a mesinha de cabeceira, que em alguns lugares chamam de criado-mudo. E por aí vai. A privada, nós chamamos de *patente*. Dizem que começou com a chegada dos primeiros vasos sanitários de louça, vindos da Inglaterra, que traziam impresso *Patent* número tal. E pegou.

*Ir aos pés* no RS é fazer cocô. Eu acho *tri* elegante, poético. “*Com licença, vou aos pés e já volto*”. Uma amiga carioca foi passear em Porto Alegre e precisou de um médico. A primeira coisa que ele perguntou foi: “*Vais aos pés normalmente, minha filha?*” Ela na mesma hora levantou e começou a fazer flexão.

O Brasil tem dessas coisas, é um país maravilhoso, com o português como língua oficial, mas cheio de dialetos diferentes.

No Rio de Janeiro é “*e aí merrmão! CB, sangue bom!*” Até eu entender que *merrmão* era “meu irmão” levou tempo. Pra conseguir se comunicar, além de arranhar a garganta como “erre”, você precisa aprender a chiar que nem uma chaleira velha: “*vai rolá umasch paradasch inschperrtasch*”.

Na cidade de São Paulo eles botam um “i” a mais na frente do “n”: “*orra meu! Tô por dentro, mas não tô inteindeindo o que eu to veindo*”. E no interior falam um “erre” todo enrolado: “*a Ferrrnanda marrrcô a porrrteira*”. Dá um nó na língua. A vantagem é que a pronúncia deles no inglês é ótima.

Em *Mins*, quer dizer, Minas, eles engolem letras e falam *Belzonte*, *Nossenhora*. *Doidemais da conta, sô!* Qualquer objeto é chamado de *trem*. Lembrei daquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou apontando as malas: “*Muié, pega os trem que o bicho tá vindo*”.

No Nordeste é tudo *meu rei, bichinho, ó xente*. Pai é *painho*, mãe é *mainha*, vó é *voinha*. E pra você conseguir falar com o acento típico da região, é só cantar a primeira sílaba de qualquer palavra numa nota mais aguda que as seguintes. As frases são sempre em escala descendente, ao contrário do sotaque gaúcho.

Mas o lugar mais interessante de todos é Florianópolis, um paraíso sobre a terra, abençoado por Nossa Senhora do Desterro. Os nativos tradicionais, conhecidos como Manezinhos da Ilha, têm o linguajar mais simpático da nossa língua brasileira. Chamam lagartixa de *crocodilinho de parede*.

Helicóptero é *avião de rosca* (que deve ser lido *rôschca*). Carne moída é boi ralado. Se você quiser um pastel de carne, precisa pedir um envelope de boi ralado. Telefone público, o popular orelhão, é conhecido como poste de prosa e a ficha de telefone é pastilha de prosa. Ovo eles chamam de semente de galinha e motel é lugar de instantinho.

Dizem que tudo isso vem da colonização açoriana, inclusive a pronúncia deliciosa de algumas expressões, como "*si quéisch quéisch, si não quéisch, disch*".

Se você estiver por lá, viajando de carro, e precisar de alguma informação sobre a estrada pra voltar pra casa, deve perguntar pela "Briói", como é conhecida a BR - 101.

Em Porto Alegre, uma empresa tentou lançar um serviço de entrega a domicílio de comida chinesa, o Tele China. Só que um dos significados de china no RS é prostituta. Claro que não deu certo. Imagina a confusão, um cara liga às duas da manhã, a fim de uma loira, e recebe como sugestão Frango Xadrez com Rolinho Primavera e Banana Caramelada.

Tudo isso é bem engraçado, mas às vezes dá problema sério. A primeira vez que minha mãe foi ao Rio de Janeiro, entrou numa padaria e pediu: "Me dá um cacete!!!". Cacete pra nós é pão francês. O padeiro caiu na risada, chamou-a num canto e tentou contornar a situação. Ela ingenuamente emendou: "Mas o senhor não tem pelo menos um cacetinho?"

RAMIL, Kledir. "Língua brasileira" *Tipo assim*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003. Pp. 75 - 76